

Aprendizes e mestres em face da emergência de uma nova cultura da aprendizagem¹

*Adriana Dickel**

Não é raro ouvirmos professores comentando sobre a dispersão e a falta de interesse manifestadas em sala de aula por seus alunos, sobre a concorrência desleal que sofrem das várias mídias – computadores, celulares, vídeo games, televisão –, sobre a velocidade com que as informações atravessam o dia-a-dia geralmente deixando um rastro de insatisfação pelo descompasso entre a quantidade de dados a serem apropriados e o tempo disponível para isso. Ao mesmo tempo em que uma avalanche de informações chega por vários meios, menor parece ser a capacidade que temos de retê-las e convertê-las em conhecimentos significativos e disponíveis para mediar novas aquisições cognitivas. Paradoxalmente, tão lugar-comum quanto ouvir que vivemos em uma sociedade cuja centralidade está no domínio do conhecimento, numa sociedade na qual coabitam múltiplas formas de representação simbólica da realidade, é defrontar-se com a denúncia segundo

a qual os sistemas educativos estão em crise e devem urgentemente explicar as não-aprendizagens acumuladas pelos egressos dos processos de escolarização. Essa situação é vivida diretamente pelo professor ao observar as crianças ou os jovens com os quais trabalha na escola e o descompasso entre a quantidade de conhecimentos possíveis e o desempenho desses sujeitos no que tange à apropriação dos conhecimentos curriculares.

A intranquilidade gerada por esse quadro faz com que muitos professores busquem compreender tal fenômeno deslocando de um lugar para outro a responsabilidade pelo fracasso que assola a escola, ele próprio e o estudante. Por vezes, o culpado é o contexto capitalista, que cria necessidades em descompasso com as possibilidades que as pessoas e as instituições têm

* Doutora em Educação, professora-pesquisadora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo - RS.

de supri-las; por outras, a família, que não atende adequadamente aos seus filhos; o Estado também aparece como aquele que não provê os recursos compatíveis com o serviço que deve oferecer; ainda, o próprio estudante não raramente é acusado de estar perdido em face de um mundo que se transforma incessantemente.

Nesse contexto, chama a atenção o fato de uma obra como *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*, apesar de há cinco anos editada, não ter tido uma repercussão a altura do debate que visa promover. Em sua obra, editada no Brasil pela Artmed, Juan Ignacio Pozo, catedrático de Psicologia Básica na Universidade Autónoma de Madri, desenvolve a tese segundo a qual os contextos de aprendizagem e de ensino não têm levado em consideração as características de aprendizes e mestres, algo que poderia ser minimizado caso houvesse uma compreensão mais adequada sobre o funcionamento da aprendizagem e as possibilidades de interação entre as atividades de instrução e os recursos, as capacidades, as disposições tanto de quem aprende quanto de quem se propõe a ajudar outros a aprender.

O trabalho do autor está aliado à perspectiva cognitiva da psicologia da aprendizagem, temática que atravessa outras obras do autor, tais como *Aquisição do conhecimento* e *Solução de problemas*, ambas publicadas pela Artmed, e a estudos que se voltam para a aprendizagem de conceitos científicos em diferentes áreas curriculares, tais como física e química.

Partindo do pressuposto piagetiano, segundo o qual a inteligência e a aprendizagem são capacidades adaptativas do ser humano, por meio das quais ele interioriza a cultura, tomando parte nela e personalizando-a, Pozo, aliando-se a Vigotski, afirma que tais funções assumem um “desenho cultural”, investem-se das características que cada sociedade, cada cultura oferece àquele que nasce. Sendo assim, cada cultura gera as suas próprias formas de aprendizagem e, portanto, os modos de aprender podem (e devem) ser compreendidos com base nas demandas sociais que os geram. É dessa forma que ele responde a uma das questões centrais da obra: se os objetos de aprendizagem se modificam, os modos de aprender também mudam?

Partindo de uma breve e instigante história cultural da aprendizagem, o autor conduz o leitor a perceber que, hodiernamente, ao invés de aprendermos pouco, estamos aprendendo muito e por muito mais tempo. No entanto, trata-se de um contexto que gesta “uma nova cultura da aprendizagem”, na qual esta última é concebida como a capacidade de interpretar a parcialidade de todos os saberes, de compreendê-los, dando-lhes sentido e duvidando deles. Trata-se, portanto, de uma “cultura da compreensão” do que fazemos e do que acreditamos, não de uma cultura do consumo de informações ou de crenças produzidas independentemente de nós. Assumindo um ponto de vista filosófico e psicológico baseado no construtivismo, Pozo defende que nessa nova cultura a escola perde sua supremacia sobre o

conhecimento, sem, necessariamente, perder o seu lugar. O contexto atual sofre, segundo ele, de uma “obesidade informativa”; os sujeitos necessitam de um lugar que lhes proporcione condições de organizar e dar sentido aos saberes informais, relacionando-os aos saberes curriculares e científicos, cujo processo de produção e de transmissão daqueles se distinguem. Para o autor, esse lugar pode ser a escola.

Nesse sentido, os professores são instados a pensar, inicialmente, nas demandas que caracterizaram a sua formação, confrontando-as com as demandas que caracterizam a formação de crianças e jovens atualmente: do que se ensina, o que permanece como fundamental à formação do sujeito, o que pode ser excluído, o que pode ser superado? Na nova cultura da aprendizagem, que reestruturas serão necessárias para que os programas escolares contribuam para a formação dos sujeitos?

Para tanto, Pozo propõe que se pense a aprendizagem não com base em elementos isolados, mas como um sistema, altamente dinâmico e complexo, no qual convivem dois processos distintos, um baseado na repetição (a aprendizagem por associação) e outro caracterizado pela capacidade de elaboração e organização (a aprendizagem por reestruturação). Tal sistema, segundo ele, é constituído basicamente de três elementos, tratados em profundidade em capítulos distintos: os resultados, os processos e as condições da aprendizagem.

Para o autor, a compreensão desse sistema deve ter como ponto de

partida o primeiro dos três elementos, isto é, os resultados da aprendizagem: cabe compreender, portanto, o que se aprende, os conteúdos, o que muda com a aprendizagem, por quanto tempo permanece ou deve permanecer o aprendido. Com base nessa explicitação, devem-se analisar como se aprende, os processos e os mecanismos cognitivos que tais conteúdos põem em ação, como operam esses elementos quando ativados no interior do sujeito, para, por fim, confrontar tais dados com as condições de aprendizagem, com as diversas possibilidades de prática, tanto repetitiva como reflexiva, que põem em marcha tais processos.

Já o processo de instrução, de ensino, percorre o caminho inverso. Cabe ao docente criar condições de aprendizagem que instiguem os processos e atinjam os resultados de aprendizagem esperados. Nesse sentido, sua análise auxilia o professor a compreender as dimensões desse sistema ao qual ele tem acesso e de que forma pode intervir com maior clareza nos processos e resultados dessa capacidade humana.

Em diálogo com autores tais como Robert Gagné e César Coll, Juan Ignacio, Pozo propõe quatro categorias em torno das quais classifica os principais conhecimentos acumulados em nossa cultura a serem adquiridos pelos aprendizes, a saber, aprendizagem de fatos e comportamentos, aprendizagem social, aprendizagem verbal e conceitual e aprendizagem de procedimentos. Tais resultados de aprendizagem, explorados em detalhe

na terceira parte da obra, estão em contínua interação e dependência mútua e requerem processos e condições de aprendizagem distintos. Cabe destacar o esforço intelectual realizado pelo autor na terceira parte da obra para articular de modo orgânico e didático os três elementos do sistema de aprendizagem abordados por ele, servindo como referência básica para a avaliação não somente de planejamentos curriculares, como também de propostas de organização da aula em contextos de aprendizagens diversificadas.

Numa sociedade cujo valor atribuído ao conhecimento é cada vez maior, as instituições responsáveis por sua produção e transmissão estão constantemente em evidência. Com elas ganham importância os processos de aquisição de conhecimento, elemento implicado diretamente no pensamento sobre a gestão social do conhecimento. Nesse mesmo contexto, a distribuição das condições de aprendizagem não é idêntica para todos. Isso requer uma reflexão e uma ação sobre a educação com vistas a sua qualificação e a sua extensão a todos, dignos que são de se apropriarem dos sistemas simbólicos culturalmente produzidos pela humanidade. Esta é uma condição básica para que a informação, diversificada e por vezes desqualificada, torne-se conhecimento: o sujeito deve dominar estratégias que o levem à busca, seleção e reelaboração de informações, estratégias que permitam a elaboração de conhecimentos com os quais relacione e dê significado a essas informações.

Atender a tal necessidade, à qual ele associa a tarefa de reconstruir a mente humana, pela promoção de novas formas de aprendizagem, de reestruturações resultantes do investimento em funções cognitivas que vão além do equipamento básico com o qual todos vêm ao mundo, seria, do ponto de vista do autor, uma tarefa a ser cumprida de modo privilegiado na escola. Para ele, reiterando o ideário iluminista, é a educação “um processo de mútua reconstrução entre mente e cultura”. Por isso, não são somente os currículos que deverão ser modificados nas escolas, mas a mentalidade daqueles que ensinam e aprendem, ou seja, a própria cultura da aprendizagem.

Condensando estudos importantes, rastreando informações atualizadas e suscitando discussões que não muito facilmente têm sido inseridas em ou chegarão a lugares tais como os cursos de formação de professores, Juan Ignacio Pozo é leitura de qualidade para profissionais que buscam compreender e intervir nos processos de formação humana pela organização de situações de aprendizagens planejadas responsavelmente.

Nota

¹ POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.